

O telefonema de Gilmar Mendes

José Sócrates

Morreu o neto de Lula e hoje foi o seu enterro. No meio da tragédia e do silêncio, um pequeno acontecimento faz-nos voltar à vida – os jornais reportam um telefonema de condolências de Gilmar Mendes. A violência e a crueldade têm sido tão dominantes que já nos surpreende qualquer gesto de humanidade, qualquer gentileza entre dois homens do mundo da política (julgo que posso dizer assim, apesar de um deles ser juiz). No relato do telefonema, Gilmar apresenta as condolências, ele é também avô, sua mulher e ele estão a rezar por Lula, deseja-lhe força. Lula agradece, começa a chorar e não consegue dizer mais nada. Gilmar chora também. Visto de longe parece apenas um gesto terno, visto de perto talvez o telefonema seja um pouco mais do que isso – mais que um pouco humanidade, o que já de si seria muito nestes tempos sombrios.

Lula chora e Gilmar chora. Há nesse choro a consciência da brutalidade do que aconteceu. Há nesse choro um protesto mútuo e humano perante a injustiça e o infortúnio da vida - preso e morre-lhe um neto, que mundo este. Mas nesse choro compulsivo parece haver algo mais, há dois homens políticos que se enfrentaram no passado e que hoje, no momento de tamanha aflição, se abraçam e dizem baixinho um para o outro– como é que chegamos aqui, em que é que nos tornámos?

Gilmar Mendes. Fui fixando este nome enquanto acompanhava a espetacular vida política brasileira. Pude seguir a inacreditável aliança entre a direita moderada brasileira e o poder judiciário na construção do golpe político para derrubar a presidenta Dilma Rousseff. Pude testemunhar como as suas mais respeitáveis figuras, presas à raiva e ao ressentimento, decidiram ser cúmplices de uma aventura contra a democracia. Acompanhei o desenrolar do drama que viria a trazer de novo a violência e a prisão para o palco da política e vi também os principais autores do golpe serem devorados por ele. Dessa direita democrática parece não ter não sobrado pedra sobre pedra (o que levanta a dúvida de que alguma vez tenha existido) – o que ficou é isso que esta aí: a boçalidade, a selvajaria e a vergonha.

Mas vi também quando Gilmar Mendes se opôs à condição coercitiva – símbolo inicial da agressão e do abuso que se anunciava. Foi aliás aí que comecei a reparar nele. Também não me escaparam os seus discursos contra a corrente punitivista e a coragem com que enfrentou o caminho do autoritarismo penal. Assisti à forma como se opôs aos seus colegas nomeados pelo PT, que era suposto terem uma sólida cultura humanista (para além claro da superioridade moral que sempre reclamavam) – não tinham, e se não tinham era porque nunca tiveram . Vi como se alinou com a defesa dos direitos individuais que constituem a base da legitimidade penal do Estado democrático, sabendo que sem eles não há nem segurança nem liberdade. Sim, pude ver tudo isso e os ataques que lhe fizeram – a esquerda que não lhe perdoou o episódio da nomeação de Lula para chefe da casa civil no governo Dilma, e a direita que não lhe perdoa as posições democráticas e o ameaça com jipes, com cabos e com soldados.

Voltemos ao funeral do neto de Lula. O que me pareceu ver no telefonema de Gilmar Mendes, para além simples decência e humanidade, foi uma cena tocante de dois personagens que choravam por um mundo que já tiveram em comum e que parece agora perdido. Um mundo construído enquanto adversários políticos e que, justamente por essa razão, é também um mundo que os une. Um mundo que foi capaz de se elevar acima do trauma e da violência da ditadura e que se caracterizou justamente por *transformar velhos inimigos em leais adversários*.. O choro de Gilmar e de Lula é pela democracia. Mas é também um choro que nos lembra que ela existe. Afinal, há mais mundo para além deste em que o Brasil vive.

Ericeira, março de 2019
José Sócrates